

A LUTA POR DIREITOS E A CULTURA POP NO DOCUMENTÁRIO "MEU AMIGO CLÁUDIA"

THE FIGHT FOR RIGHTS AND POP CULTURE IN THE DOCUMENTARY "MY FRIEND CLÁUDIA"

Josiany Fiedler Vieira ¹

Flávia Jeanne Ferrari²

RESUMO

Este artigo analisa o documentário "Meu amigo Cláudia" (2009), dirigido por Dácio Pinheiro, que retrata a vida de Cláudia Wonder (1955-2010), uma figura proeminente na cena underground brasileira das décadas de 80 e 90. O filme segue a jornada de Cláudia, nascida Marco Antonio Abrão, desde seus primeiros anos marcados por desafios e dificuldades, até sua ascensão como uma das artistas mais celebradas de sua época. Cláudia tornou-se conhecida por suas performances e músicas, enfrentando um contexto nacional permeado por mudanças políticas, culturais e sociais, que impactaram sua vida de maneiras diversas. O documentário também destaca o ativismo de Cláudia em defesa da diversidade sexual em um período em que o movimento homossexual era injustamente associado à epidemia de AIDS. Num Brasil marcado pela abertura política, inflação descontrolada e forte preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, Cláudia se destacou como uma figura multifacetada, protagonizando filmes, shows e performances icônicas. O material audiovisual também aborda o ostracismo enfrentado por Cláudia nos anos 90, bem como seu retorno triunfante aos palcos, proporcionando uma reflexão sobre os direitos individuais e a luta por inclusão no contexto da cultura pop brasileira.

Palavras-chave: cinema, história, direito, documentário, comunicação.

ABSTRACT

This article analyzes the documentary "Meu amigo Cláudia" (2009), directed by Dácio Pinheiro, which portrays the life of Cláudia Wonder (1955-2010), a prominent figure in the Brazilian underground scene of the 80s and 90s. The journey of Cláudia, born Marco Antonio Abrão, from her early years marked by challenges and difficulties, to her rise as one of the most celebrated artists of her time. Cláudia became known for her performances and music, facing a national context permeated by political, cultural and social changes, which impacted her life in different ways. The documentary also highlights Cláudia's activism in defense of sexual diversity at a time when the homosexual movement was unfairly associated with the AIDS epidemic. In a Brazil marked by political openness, uncontrolled inflation and strong prejudice against the LGBTQIA+ community, Cláudia stood out as a multifaceted figure, starring in iconic films, shows and performances. The audiovisual material also addresses the ostracism faced by Cláudia in the 90s, as well as her triumphant return to the stage, providing a reflection on individual rights and the fight for inclusion in the context of Brazilian pop culture.

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS) e do ECCOS - Estudos sobre Comunicação, Consumo e Sociedade. E-mail: josianyvieira@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5045347402400709>

² Doutoranda em Direito Empresarial e Cidadania no Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Professora e Advogada. Email: flaviajeane.ferrari@hotmail.com. Lattes: [Lattes: //lattes.cnpq.br/1064406440921045](http://lattes.cnpq.br/1064406440921045)

Keywords: cinema, history, law, documentary, communication.

INTRODUÇÃO

Temas considerados tabus na sociedade estão ganhando cada vez mais espaço no audiovisual, tanto em filmes quanto em documentários. No cinema comercial, especialmente nos filmes mais antigos das décadas de 1970 e 1980, o personagem homossexual frequentemente era retratado de forma estereotipada e caricata, muitas vezes como alívio cômico. Por outro lado, nos documentários, há um impulso para promover discussões sobre sexualidade, identidade e legitimidade, proporcionando um espaço para reflexão e conscientização.

Nesse contexto de análise, este artigo se debruça sobre o documentário "Meu amigo Cláudia" (2009), dirigido por Dácio Pinheiro. O filme narra a vida de Cláudia Wonder (1955-2010), uma figura proeminente na cena underground brasileira das décadas de 80 e 90, com a cidade de São Paulo como pano de fundo. O documentário não apenas retrata a trajetória de vida dessa transexual, mas também examina as mudanças ocorridas no Brasil durante esse período, destacando aspectos políticos, culturais, jurídicos e sociais que influenciaram a vida da "rainha do pop underground".

O documentário transcende a mera função de entretenimento, aproximando-se do conceito de cinema como forma de discurso. Ele aborda questões cruciais relacionadas à representatividade, protagonismo e ativismo, especialmente no contexto da defesa da diversidade sexual. Em uma época em que o movimento homossexual era injustamente culpabilizado pela disseminação da AIDS, Cláudia se destacou como uma voz corajosa e resiliente em defesa dos direitos LGBTQIA+.

Ao longo do filme, somos apresentados não apenas à vida artística de Cláudia, mas também aos desafios e adversidades que ela enfrentou desde a infância, incluindo sua relação complexa com a família e as dificuldades enfrentadas na busca por aceitação e reconhecimento. O documentário também contextualiza o surgimento e a evolução do movimento homossexual nas artes, especialmente no teatro, durante os anos 70, proporcionando uma visão mais ampla das transformações culturais e sociais ocorridas no Brasil.

Em suma, este trabalho busca destacar os principais aspectos biográficos da vida de Cláudia Wonder e analisar como esses temas são abordados no documentário.

Foi no início dos anos setenta que Claudia Wander passou a integrar o elenco da boate Nostromundo³, com uma apresentação de dublagens de artistas nacionais e internacionais, e também cabeleireira e maquiadora. Participou de trabalhos no teatro em “As Gigoletes”⁴, dirigida por Wilson Vaz, no Teatro das Nações, em São Paulo e da peça “O homem e o Cavalo”, de Oswald de Andrade, dirigida por Zé Celso.



Imagem 1 e 2: Extratos do documentário como integrante da boate Nostromundo



Imagem 3 e 4: Extratos do documentário como integrante de As Gigoletes

No cinema participou do filme “O marginal”, de Carlos Manga (1974), em que a personagem fazia shows numa boate; no longa “A mulata que queria pecar”, de Victor Di Mello (1977), uma pornochanchada que também contava com Henriqueta Brieba no elenco. Neste filme a artista teve um papel importante e de destaque, mas no material comercial seu nome utilizado foi o de batismo; o filme “Sexo dos Anormais” (1984), como uma das protagonistas com cenas de sexo explícito e agressões físicas sofridas pela personagem e “Volúpia de Mulher” (1984), de John Doo.

³ A boate Nostromundo foi inaugurada em 1971 e foi palco de shows performativos com travestis e homossexuais.

⁴ Teatro de revista, protagonizado apenas por travestis.



Imagem 5 e 6: Extratos do filme A Mulata que queria pecar

O filme "Sexo dos Anormais" (1984) é reconhecido como o primeiro filme pornô travesti produzido no Brasil. Durante esse período, a homossexualidade era rotulada como uma condição de "desvio e transtorno sexual", refletindo as visões prevalentes da época. O título da obra possivelmente alude a essa temática, uma vez que a trama se desenrola em uma clínica psiquiátrica, onde diversos personagens enfrentam quadros psicológicos e transtornos mentais.

Claudia Wonder interpreta uma personagem travesti que retorna de uma cirurgia de transformação corporal realizada no exterior, criando uma fusão entre a realidade e a ficção. Essa representação desafia as normas sociais da época, oferecendo uma visão provocativa e controversa sobre identidade de gênero e sexualidade.

Para LACERDA JÚNIOR “O tipo efeminado, por sua vez, pode ser criticado por seu pouco desenvolvimento e espaço mínimo recebido nos filmes, limitando-se às suas funções cômicas e não permitindo a expressão plena da identidade que ele representa” (pg 52, 2015).

Outro episódio marcante foi a persistente hostilidade policial por meio de blitz inesperadas em áreas frequentadas por prostitutas travestis e em regiões centrais da cidade. Conhecida como "Operação Tarântula" e autorizada pelo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, essa perseguição (regulamentada pela Portaria 390/76 da Delegacia Seccional Centro) resultou na prisão de todas as travestis para averiguação, sob a suposição de que a orientação sexual era um ato de desordem moral. Além disso, exigia-se a apresentação de carteira de trabalho como prova de emprego (em oposição à suposta ociosidade) e fotografias das pessoas vestidas com roupas femininas como evidência de sua suposta ameaça à ordem pública.

O documento continha “o cadastro do pervertido para que os juízes possam avaliar seu grau de periculosidade” (OCANHA, 2022, pg. 152) e a vadiagem se configurou como um

instrumento jurídico e policial muito acionado, sendo operacionalizada para várias formas de ordenamentos morais (PALMA, online).

O homossexualismo também era erroneamente associado ao comunismo, exacerbando ainda mais as detenções.

Durante o período que esteve em vigor, a Operação Tarântula estava regulamentemente associada a denúncias de abusos por parte das autoridades, incluindo violência física, humilhação e tratamento desumano contra as travestis detidas. Essa violência policial contribuiu para uma atmosfera de medo e opressão entre a comunidade LGBTQIA+.

Essas ações policiais reforçavam os estereótipos negativos e estigmas em relação às travestis, retratando-as como criminosas e moralmente desviadas. Isso alimentava o preconceito e a discriminação da sociedade, tornando ainda mais difícil para essas pessoas encontrarem emprego, moradia e acesso a serviços básicos.

Para Judith Butler, a violência está relacionada à não inteligibilidade de seus corpos, ou seja, o não reconhecimento social dos corpos que não se encaixam nos padrões normativos de gênero como seres humanos, tornando-se então objetos. (BUTLER, 2002).

Essa relação de não reconhecimento está presente no documentário em algumas das entrevistas realizadas. Além de personalidades, alguns desconhecidos também foram ouvidos e o material audiovisual chama a atenção para quatro entrevistas, realizadas em 1988, com pessoas que estavam caminhando por uma avenida de São Paulo e foram questionadas sobre o extermínio de travestis e homossexuais na cidade. Somente um dos ouvidos considerou o ato de violência, os demais declararam frases como: “tem mais é que assassinar mesmo”, “sou a favor de matar e prender” e “eles estão poluindo a cidade de São Paulo”.

Foi também em 1970 que surge o ‘Somos’ – primeiro grupo declaradamente homossexual – para exigir respeito e direitos e que, conseqüentemente, ajudou a parada do orgulho LGBT – que teve início só em 1997 – a ser considerada, atualmente, a maior manifestação de diversidade do mundo (FACCHINI; FRANÇA, 2009).

Em junho daquele ano começa a se anunciar a organização de manifestações de prostitutas e travestis quando a realização das rondas e as prisões arbitrárias mas, somente em 1980, que uma manifestação de vulto ocorreu, e contou com a distribuição de uma carta aberta à população solicitando a apuração das prisões.

Foi neste cenário que a artista foi morar em Paris, onde trabalhou na boate *Le garçonnière*. Além do estereótipo de criminalidade, a população LGBT adquiriu uma nova imagem negativa, a

de transmissor de doenças em 1987, quando a epidemia de AIDS atingiu o Brasil, sendo batizada de “epidemia gay”.

A imprensa local destacou o tema em coberturas aprofundadas sobre o assunto, dando voz a médicos e especialistas que reforçavam ainda mais o medo e o preconceito. Manchetes destacavam a relação com o homossexualismo como: “Mal particular – Hormônios causariam doenças entre homossexuais” (Veja, 14-07-82); “Pesquisa determinará entre homossexuais quem tem câncer-gay (Jornal do Brasil, 09-06-82); “Dois casos suspeitos de câncer-gay são examinados na Unicamp (Jornal do Brasil, 15-06-82); “Médico anuncia vacina contra o câncer-gay” (O Globo, 21-06-82); "Peste-gay ataca mais dois em SP" (Luta Democrática, 14-6-83); "Peste-gay bota toda a bicharada apertadinha" (Folha de O Povo, 14-6-83) e “Médico não quer sangue de gays" (Folha de O Povo, 14-6-83).

O documentário “Meu amigo Claudia” contextualiza esses episódios nacionais destacando as manifestações populares, repressão e violência direcionada aos homossexuais e às travestis e prisões - inclusive uma da própria Claudia Wonder que ficou 15 dias presa, numa cela com homens e roupa de “mendigo”. Também destaca a descoberta do vírus HIV e a culpabilização destas pessoas como transmissoras do vírus mortal.

Ao longo do audiovisual a carreira de Claudia é detalhada, com destaque para o ano de 2007 em que lançou FunkyDiscoFashion, seu único disco feito em parceria com os Laptop Boys e em 2008 o livro Olhares de Claudia Wonder, material que engloba artigos e textos produzidos ao longo da carreira. Neste período foi também coordenadora do Centro de Referência da Diversidade de São Paulo.

MOTA (online) analisou filmes com a temática homossexual e identificou que em 60% das produções audiovisuais o público gay foi acometido de tragédias ou punições pela opção sexual e que apenas 2,9% das obras são de grandes produtoras do audiovisual destacando o não interesse do ramo de entretenimento pelo tema. A maioria dos enredos está relacionada a histórias de jovens em busca de aceitação/respeito nos âmbitos familiares, profissional, escolar, social, militar e religioso e são encenadas em locais afastados dos centros urbanos como uma ideia inconsciente de que “o relacionamento homossexual é algo que se precise esconder ou se proteger da agressividade conservadora” (SEIDMAN, 1996).

A MEMÓRIA QUEER

O documentário “Meu amigo Cláudia” pode ser considerado um filme histórico que por meio de extratos do passado tem o intuito de representar indivíduos e ser identificado por eles, tornando-se então um produto audiovisual de memória, mais que de história. Partindo das teorias expostas por Paul Ricoeur em “A memória, a História, o esquecimento (2000)” a memória toma como referencial uma imagem real previamente apresentada, o que a distancia da fantasia, tornando-se assim uma representação virtual apoiada sobre a realidade, sem porém de fato o ser, interferindo emocionalmente de formas tanto ativas quanto passivas, tornando esse fragmento do passado um “cada vez presente”.

Os filmes em que Wonder protagonizou “O marginal”, (1974), “A mulata que queria pecar”, (1977) e “Sexo dos Anormais” (1984) destacavam a bela aparência da transexual e seu poder de atração mas com estereótipos cômicos, com trejeitos e caricato, bem como sendo acometido de tragédias, ridicularizados e punidos pela opção sexual. Após o teatro, o cinema brasileiro destacou o homossexualismo como corpo-objeto e a personificação do “homopalhaços”, termo de Antônio do Nascimento Moreno (TREVISAN, pg. 263, 2018), tendo em seus filmes comerciais de pornochanchadas a caricaturização do homossexual como “pretexto para provocar gargalhadas de deboche nas plateias de referencial machista”. Sendo então, um campo fértil para o estudo da teoria queer abordando a questão da visibilidade e da representação, não somente como representados - visto que em muitos filmes o homossexual assumia posição subalterna – mas também como autores.

A queer surgiu sob a influência de movimentos sociais da década de 1980 nos Estados Unidos não como uma defesa da homossexualidade e sim “a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2011, p.25).

O termo é analisado de acordo com algumas variáveis como: descrição de uma identidade particular como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos, etc e também campo teórico para a discussão de identidades, desejos, representações sociais e imaginários.

O documentário “Meu amigo Cláudia” pode ser considerado um dos poucos momentos da cinematografia nacional em que o tema homossexualismo é abordado de forma mais profunda e humanista, abordando a identidades e a representação de Claudia Wonder como protagonista da obra, da carreira e da vida, como uma oportunidade de discussão dos problemas sociais enfrentados pelos homossexuais ao longo das décadas. A narrativa do documentário passa a ter um compromisso com a história e com a construção de uma memória coletiva. Essa abordagem sócio-

histórica é importante para o estudo da diversidade e da própria história do Brasil devido as transformações na sociedade, na política e na cultura nacional como uma representação social que “possibilita uma política identitária de confronto e marcação das diferenças que, num primeiro momento, enfatiza uma luta política e teórica contra a repetição de imagens negativas em favor da necessidade de imagens positivas” (LOPES, pg.379).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário retrata historicamente o movimento gay no Brasil e os acontecimentos políticos-culturais vividos naquelas décadas. É um rico material audiovisual com conteúdo histórico que retrata as perseguições e enfrentamentos sofridos pelos homossexuais no Brasil durante as décadas de 70-80.

Os aspectos sociais e culturais são pano de fundo do processo de redemocratização do país e algumas imagens importantes são destacadas ao longo da obra como a campanha das Diretas Já e a eleição de Tancredo Neves, em 1985.

“Meu amigo Cláudia” é uma contribuição é uma contribuição à preservação da memória tanto da personagem em destaque, quanto de outros envolvidos no cenário artístico-cultural brasileiro, frequentadores e artistas do circuito LGBT em um processo que envolve a construção de gênero, história, social, política e econômica de uma Nação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2933/293322974004.pdf>>. Acesso em: 09 outubro de 2023

FRANCO, Stella Maria Scatena; SILVA, Natalia Neres de e OLIVEIRA, Júlia Glaciela Silva. **Gênero e travestilidade nas telas de cinema: a trajetória de Claudia Wonder em filme documentário**. Caderno Pesquisa do Cdhis | Uberlândia, MG, v.30, n.1, p.154-181, jan./jun. 2017.

HIRO, Okita. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

LACERDA JÚNIOR, Luiz Francisco Buarque de. **Cinema gay brasileiro: políticas de representação e além**. Recife, 2015

LOPES, Denihon. **Cinema e gênero** in MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. Campinas,SP: Papyrus, 2006.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões queer sobre política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 37-56.

MOTA, Gabriel Batista. **Análise de obras cinematográficas destina ao público gay masculino**, online.

NICOLAU, Marcio Almeida. **Luzes, Wonder, Ação! Subjetividades travestis em São Paulo, décadas de 1970 e 1980**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2023.

OCANHA, Rafael Freitas. **As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982)**, p.149-175. In GREEN, James N. e QUINALHA, Renan (org). Ditadura e homossexualidade: repressão, resistência e a busca da verdade. EdUFSCar, São Carlos, 5ª edição, 2022

PALMA, Daniela. **Declarações enquadradas de corpos “vadios”: leitura de um arquivo de repressão policial à prostituição de travestis**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Campinas – SP – Brasil. Disponível em <https://www.scielo.br/j/alfa/a/tbNMScmVLLnSnDWQcCwBvPg/#> Acesso em 21/09/2023

PINHEIRO, Dácio. **Meu amigo Claudia**. Disponível em: <https://vimeo.com/257851348>. Acesso em 21/09/2023

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4ª edição, editora Objetiva, 2018

VEIGA, Ana Maria. **Kátia – um documentário sobre afetos, política e história**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 233-242, jul./dez. 2015.